

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

GABRIELE CAMARGOS SILVESTRE



Feminismos traduzidos: explorando *A Room of One's Own* de Virginia Woolf sob a perspectiva dos Estudos Feministas da Tradução

Uberlândia/MG

2024

GABRIELE CAMARGOS SILVESTRE

Feminismos traduzidos: explorando *A Room of One's Own* de Virginia Woolf sob a perspectiva dos Estudos Feministas da Tradução

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Cynthia Beatrice Costa.

Uberlândia/MG

2024

GABRIELE CAMARGOS SILVESTRE

Feminismos Traduzidos: explorando *A Room of One's Own* de Virginia Woolf sob a perspectiva dos Estudos Feministas da Tradução

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução

Banca de Avaliação:

Prof. Dr. Profa. Dra. Cynthia Beatrice Costa – UFU
Orientadora

Profa. Dra. Tania Mara Antonietti Lopes – USP
Membro

Profa. Dra. Paula Godoi Arbex – UFU
Membro

Uberlândia/MG, 19 de novembro de 2024

Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo. (Angela Davis)

AGRADECIMENTOS

Ao grande amor da minha vida e razão pela qual comecei a faculdade, Tainá. Obrigada, meu amor, por ser meu ponto de equilíbrio e paz durante todos esses anos juntas. Você é a minha força diária para enfrentar as intempéries da vida e estar ao seu lado faz com que todos os obstáculos enfrentados se tornem efêmeros. Te amo e te admiro profundamente como mulher.

À minha mãe e ao meu irmão por todo carinho ofertado durante todos os anos de convivência e por serem luz em inúmeros momentos de dor, amo vocês. Mãe, obrigada por cada palavra de amor e por me auxiliar com o transporte para a faculdade, agradeço muito o seu esforço para que eu chegasse até aqui. Pepedro, obrigada por todas as conversas e risadas partilhadas ao longo desse processo, me sinto muito agraciada pela vida por te ter como irmão.

À minha irmã de alma, Júlia, por toda a parceria de anos e que, mesmo fisicamente longe, esteve sempre presente em todos os momentos de minha vida desde que nos tornamos amigas. Te amo muito, Jubinha, obrigada por fazer parte da minha vida e é um privilégio poder fazer parte da sua.

Aos meus professores, por todo o cuidado e respaldo teórico que nos ofereceram ao longo desses anos. Em muitos momentos a minha timidez não me deixou expressar a tamanha admiração que sinto por cada um de vocês, muito obrigada. Um adendo especial à minha orientadora Cynthia, que se tornou uma professora importantíssima para a minha caminhada acadêmica, profissional e pessoal.

Aos meus colegas de sala por toda bagagem que construímos ao longo desses anos juntos, destaco aqui: João, Alê e Doris. Vocês foram essenciais para tornar tudo isso mais leve e agradeço ao universo pelo nosso encontro, vocês são muito especiais para mim.

RESUMO

Este estudo realiza uma comparação entre três traduções brasileiras do livro *A Room of One's Own*, de Virginia Woolf, realizadas em diferentes momentos (1985 pela tradutora Vera Ribeiro, 2014 pelos tradutores Bia Nunes e Glauco Mattoso e 2022 pela tradutora Vanessa Barbara). Para tal, toma como base a utilização de discussões comuns aos campos da Tradução Feminista, com ênfase ao papel ativo do tradutor diante de seu ofício, como postulado por Louise von Flotow; da Tradução Cultural, consoantes à ideia de “entre-lugar” de Homi Bhabha; e a Tradução Literária, segundo a perspectiva do tradutor como mediador de André Lefevere. O objetivo da pesquisa foi observar como o viés feminista, oriundo de um contexto cultural e social de maior ou menor consciência perante a causa, impacta a tradução de uma autora como Virginia Woolf. Assim, foram selecionados cinco trechos das quatro obras com o intuito de comparar as escolhas tradutórias realizadas nas obras em português brasileiro. Os resultados demonstram que as escolhas dos tradutores estão intimamente ligadas aos debates culturais e sociais sobre o papel da mulher em sua respectiva época de publicação.

Palavras-chave: Análise Comparativa. Tradução Feminista. Virginia Woolf.

ABSTRACT

This research compares three Brazilian translations of Virginia Woolf's *A Room of One's Own*, carried out in three different moments (1985 translated by Vera Ribeiro, 2014 translated by Bia Nunes and Glauco Mattoso, and 2022 translated by Vanessa Barbara). For this purpose, it relies on discussions common to the fields of Feminist Translation, with the emphasis on the translator's active role in their work, as postulated by Louise von Flotow; of Cultural Translation, in line with Homi Bhabha's idea of the "in-between"; and Literary Translation, according to André Lefevere's perspective of the translator as mediator. The aim was to observe how the feminist bias, coming from a cultural and social context of greater or lesser awareness of the cause, impacts on the translation of an author like Virginia Woolf. Thus, five excerpts from the four books were selected in order to compare translation choices made in the works in Brazilian Portuguese. The results show that the translators' choices are intricately linked to the cultural and social debates about the role of women at the time they were published.

Keywords: Comparative Analysis. Feminist Translation. Virginia Woolf.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO DOIS: VIRGINIA WOOLF NO BRASIL ATUAL	16
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E TEORIA: FORTUNA CRÍTICA DE VIRGINIA WOOLF	16
2.1.1 <i>A Room of One's Own</i> : um legado para o feminismo	18
2.2 WOOLF EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	20
2.2.1 <i>Boom</i> pós entrada no domínio público	21
2.2.2 Woolf no Brasil de hoje.....	21
CAPÍTULO TRÊS: OS ESTUDOS FEMINISTAS DA TRADUÇÃO	24
3.1 OS ESTUDOS FEMINISTAS DA TRADUÇÃO NO BRASIL	25
CAPÍTULO QUATRO: ANÁLISE DAS TRADUÇÕES.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

A Room of One's Own é um ensaio literário redigido por Virginia Woolf publicado em 1929, que se originou a partir de palestras ministradas em 1928 pela autora nas faculdades Newham College¹ e Girton College² na Inglaterra – até então, as duas faculdades da Universidade de Cambridge que possuíam estudantes mulheres –, em que Virginia abordou a relação das mulheres e a ficção. Apesar de o tema central de seu ensaio ser esse, a obra se transmutou para além da temática literária, tornando-se um grande símbolo do movimento feminista.

O livro é narrado em primeira pessoa por uma mulher que faz referência a si como “eu” durante a narrativa. Há um certo momento em que ela se nomeia: “Então lá estava eu (podem me chamar de Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael ou qualquer outro nome que preferirem), não tem nenhuma importância” (Woolf, 2022). Posteriormente, assume cada uma dessas identidades ao longo da narrativa. Em suma, a narração é realizada por uma escritora fictícia de tal maneira que há, constantemente, uma interlocução entre narradora e leitores. Essa destituição de uma voz narrativa unívoca precisa parece gerar um efeito de universalização, crucial para o tema em questão, fazendo da obra um registro que transcende gerações.

Virginia Woolf nasceu em 25 de janeiro de 1882, em Londres, na Inglaterra, e viveu sob o contexto de uma Inglaterra moderna, na qual pôde vislumbrar o nascimento de um movimento feminista que pairava pelos recentes direitos parcialmente conquistados pelas sufragistas em 1918 e efetivamente em 1928.³ O contexto histórico da obra remete a uma sociedade ainda enraizada pelos ideais vitorianos de castidade feminina. Virginia, inclusive, em seus diários datados em 1920 (Woolf, 2021), já demonstrava que a ausência do respeito para com a figura da mulher na sociedade já a incomodava, tendo em *A Room of One's Own* seu registro de maior ativismo em relação ao tema.

Woolf, com sua literatura vanguardista, tornou-se uma figura influente no movimento literário modernista do século XX, pois buscava romper com os métodos tradicionais de escrita e explorava técnicas narrativas inovadoras, como a utilização

¹ <https://newn.cam.ac.uk/>

² <https://www.girton.cam.ac.uk/pioneering-history>

³ “No entanto, foi só no ano de 1928 que todas as mulheres acima dos 21 anos de idade na Grã-Bretanha conquistaram o sufrágio, ainda que no contexto final da Grande Guerra, em 1918, algumas mulheres acima dos 30 anos tivessem conquistado esse direito” (GOMES, 2018)

do fluxo de consciência (*stream of consciousness*), que se caracteriza por uma forma de explorar os pensamentos íntimos das personagens, incorporando detalhes sensoriais e descrições que transportariam os leitores para o universo particular daquela personagem.

No Brasil, a obra de Woolf foi traduzida diversas vezes por diferentes tradutores em contextos históricos distintos. Este trabalho irá analisar três traduções de períodos diferentes: a tradução de Vera Ribeiro⁴ de 1985, publicada pela Editora Círculo do Livro; a tradução de Bia Nunes de Sousa⁵ e Glauco Mattoso⁶ de 2014, publicada pela Editora Tordesilhas; e a tradução de Vanessa Barbara⁷ de 2022, publicada pela Editora Antofágica.

Por ter sido escrito por uma das escritoras mais importantes da história anglófona, que foi particularmente relevante para o modernismo literário, além de seu próprio teor de engajamento, é muito frutífero ler *A Room of One's Own* pelo viés do feminismo. Assim sendo, a análise aqui proposta é guiada pelos Estudos da Tradução Feminista.

Na contemporaneidade, a análise feminista de obras canônicas constitui um dos pilares da Teoria Pós-Colonial ou Decolonial,⁸ uma corrente de pensamento que busca desafiar as estruturas de poder colonial e suas manifestações nas áreas de conhecimento, cultura e sociedade. Nesse contexto, a tradução emerge como um elemento promissor para a ampliação e aprofundamento dessas reflexões. Ao explorar obras canônicas sob uma perspectiva feminista, os estudos buscam desvendar e problematizar as relações de poder presentes nas narrativas e discursos dominantes, além de dar voz e visibilidade a perspectivas historicamente marginalizadas.

Os Estudos Feministas da Tradução abordam o fenômeno tradutório na tentativa de expor o texto traduzido como resultado de um entrelaçamento discursivo

⁴ Tradutora das línguas francesa, inglesa e espanhola e referência nas traduções de psicanálise no Brasil.

⁵ Tradutora e influencer feminista que traduziu diversos livros e atualmente atua também como editora de livros.

⁶ Pseudônimo de Pedro José Ferreira da Silva, Glauco Mattoso (trocadilho com glaucomatoso – termo usado para quem sofre de glaucoma) é escritor e tradutor de poesias.

⁷ Jornalista, tradutora e escritora brasileira que já ganhou o prêmio Jabuti na categoria reportagem.

⁸ “O pensamento decolonial reflete sobre a colonização como um grande evento prolongado e de muitas rupturas e não como uma etapa histórica já superada. [...] Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O Decolonial implica, portanto, uma luta contínua” (COLAÇO, 2012, p. 08).

inevitavelmente político. Destarte, a tradução feminista, nesse contexto, faz-se na possibilidade de subverter na linguagem as assimetrias e sexismos, reivindicando um lugar de presença no que tange às vivências, à socialização e à participação política de mulheres, antes tão invisibilizadas na linguagem e na própria Teoria da Tradução.

A presente pesquisa justifica-se pela contribuição que oferecerá para o campo dos Estudos Feministas da Tradução ao investigar as estratégias adotadas pelos tradutores que lidam com uma obra de cunho feminista e de relevância histórica como *A Room of One's Own*. Esta pesquisa busca ampliar o entendimento sobre os desafios e as possibilidades enfrentadas ao trabalhar com textos que abordam questões de gênero.

A escolha de trabalhar com *A Room of One's Own* deve-se ao potencial transcendente que a obra possui. Assim, a monografia será orientada pela valorização e pelo entendimento das contribuições de Virginia Woolf para o feminismo e para a literatura. Este estudo, ao analisar as traduções de *A Room of One's Own* sob a perspectiva dos Estudos Feministas da Tradução, visa a fomentar uma maior conscientização sobre a importância da tradução na recepção e interpretação de obras feministas em diferentes contextos culturais e históricos.

A fim de realizar a análise aqui proposta, será necessário apoiar-se em três bases: a Tradução Literária, a Tradução Cultural e os Estudos Feministas da Tradução.

A Tradução Literária é uma área dos chamados Estudos da Tradução que apresenta desafios únicos devido à natureza complexa e multifacetada da literatura. No livro *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame* (1992), o escritor e teórico André Lefevere defende que a tradução é uma negociação entre diversos sistemas culturais. De acordo com Lefevere (1992), o tradutor literário desempenha um papel ativo na recriação do texto, já que precisa fazer escolhas criativas para comunicar as sutilezas da obra. Ademais, o autor destaca a maneira pela qual o tradutor não deve atuar como um mero “replicador” do texto, mas entender seu papel de recontextualizador da obra para o público-alvo.

Ao examinarmos a obra de Virginia Woolf pela abordagem de Lefevere, podemos perceber o processo contínuo de negociação e recriação que os tradutores vivenciam na tentativa de transmitir significados, já que, diante de uma obra como *A Room of One's Own*, é notório que, por se tratar de uma obra com temática feminista, naturalmente o papel do tradutor perpassa noções ideológicas e culturais.

Dessarte, para fins deste estudo, utilizaremos também a noção de Tradução Cultural tal como postulada por Homi Bhabha, crítico e teórico anglo-indiano que vê o ato tradutório como um processo de criação e renegociação de significados. Nesse sentido, a tradução não é apenas uma transferência de um conteúdo para outro contexto, mas uma construção que ocorre no “terceiro espaço”, em um “entre-lugar”, um espaço híbrido entre culturas. Esse lugar, segundo ele, não pertence completamente ao passado do original nem ao presente do tradutor; é um espaço de intersecção em que diferentes significados e identidades se encontram e se transformam, resultando em novos discursos e identidades culturais.

A estudiosa canadense Annie Brisset também aborda esse espaço híbrido, alegando que

A tradução é uma atividade de compromisso entre línguas e representações coletivas raramente isomorfas, entre horizontes discursivos (cognitivos, epistêmicos, estéticos, tradutivos...) que nunca coincidem completamente, uma atividade, enfim, cujo sujeito negocia e às vezes reivindica sua própria intervenção no texto de outro. (Brisset, 2006, p. 176)

Ao aplicarmos essa perspectiva na análise das três traduções de *A Room of One's Own*, podemos explorar como cada tradutora posiciona a obra de Virginia Woolf nesse “terceiro espaço” em que as culturas de partida e chegada se encontram e se transformam. Sob essa perspectiva, o conceito de Bhabha permite a compreensão de como as escolhas tradutórias influenciam a maneira como o texto é reinterpretado em dado contexto, gerando novos significados e discursos feministas, o que, diante da análise de *A Room of One's Own* para o português brasileiro, evidencia o papel ativo dos tradutores na reconfiguração da obra em novos contextos históricos, culturais e sociais.

Os Estudos Feministas da Tradução, parte integrante de uma corrente relativamente nova na Tradução (tendo sido primeiramente registrada de forma mais teórica nos anos de 1970 e 1980 por Barbara Godard⁹ e Lori Chamberlain¹⁰), oferecem uma lente crítica que destaca o papel central do gênero na prática tradutória e oferta, nesse contexto, um diálogo entre a prática da tradução literária e os estudos de gênero.

⁹ GODARD, B. Translating and sexual difference. **Resources for Feminist Research**, Toronto, v. 13, n. 3, p. 13-16, 1984.

¹⁰ CHAMBERLAIN, L. Gender and the metaphors of translation. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, Chicago, v. 13, n. 3, p. 454-472, 1988.

A partir das abordagens da crítica e da prática feminista, aliadas a uma ênfase na dimensão cultural, a tradução emergiu como um campo propício para explorar o impacto cultural da influência e das especificidades de gênero. Segundo Luise von Flotow (2001), a relação entre gênero e tradução pode ser examinada em estudos históricos, considerações teóricas, questões identitárias e pós-coloniais, assim como em temas relacionados à transferência cultural. Flotow argumenta que a tradução não é uma atividade neutra, mas permeada por relações de poder e hierarquias de gênero. A partir dessa perspectiva, as traduções são analisadas também em relação à maneira como reproduzem ou desafiam estereótipos de gênero e normas culturais dominantes.

Aplicar à análise das traduções de *A Room of One's Own* a perspectiva dos Estudos Feministas da Tradução possibilita uma averiguação de como as escolhas tradutórias dos diferentes tradutores refletem e reproduzem ideologias de gênero, bem como torna possível a identificação de possíveis estratégias de subversão e resistência adotadas na tradução dessas obras.

Ao reconhecer a dimensão política e social da tradução, os Estudos Feministas da Tradução oferecem uma abordagem crítica e transformadora que visa não apenas a traduzir textos, mas também a questionar e reconstruir as estruturas de poder e representação presentes na prática tradutória. Em última análise, a tradução feminista se apresenta como uma ferramenta essencial para a promoção da igualdade de gênero e para a construção de um discurso mais inclusivo e diversificado na esfera da linguagem e da tradução.

Dessa maneira, o aumento do engajamento feminista nos Estudos da Tradução proporcionou a oportunidade de explorar obras escritas por mulheres, buscando revitalizar e diversificar tanto a prática da tradução quanto o cânone literário, que historicamente tem sido dominado por obras escritas por homens.

Acerca disso, Von Flotow diz que

As iniciativas feministas dos anos 1970 desencadearam um grande interesse em textos escritos por mulheres de outras culturas. Isto conduziu à percepção de que boa parte dos trabalhos escritos por mulheres nunca havia sido traduzida, e à suspeita de que os trabalhos que haviam sido traduzidos tinham sido deturpados por 'traduções patriarcais'. (von Flotow, 2021, p. 495)

Nesse sentido, a crescente presença do feminismo na área da tradução literária se mostra relevante para o tema em questão, visto que essa perspectiva crítica

possibilita a revisão e reconfiguração do cânone, anteriormente marcado por uma predominância de vozes masculinas. Isso significa que a análise das traduções de *A Room of One's Own*, sob a ótica dos Estudos Feministas da Tradução, não apenas permite a compreensão das escolhas e estratégias adotadas pelos tradutores em relação à representação de questões de gênero, mas também ressalta a importância de se considerar a diversidade de visões e experiências femininas na construção e interpretação de obras literárias.

Ao fazer um cotejo das traduções de *A Room of One's Own* com base em uma leitura feminista, as discussões que envolvem os estudos da tradução literária transmutam para uma reflexão ainda mais objetiva, que diz respeito à própria língua e suas intercorrências socioculturais.

O problema que esta monografia examina reside, ainda, na questão temporal: busca-se compreender em que medida as questões de gênero e identidade feminina são representadas e adaptadas pelos tradutores em diferentes momentos, de acordo com as mudanças políticas, culturais e sociais que ocorreram ao longo das décadas. Mesmo que a diferença temporal entre as duas últimas traduções analisadas (de 2014 e 2022) não pareça grande o bastante para definir diferentes momentos históricos, parte-se do princípio de que a última década foi marcada por uma discussão bastante ativa no que diz respeito à posição da mulher na sociedade; ou seja, mesmo um curto intervalo pode ter impactado as escolhas tradutórias nas diferentes edições. Assim, acredita-se que as traduções representam três momentos distintos: a mais antiga, publicada em 1985, é fruto de um contexto em que a mulher não possuía tanto protagonismo nas discussões antropológicas; a “intermediária”, publicada em 2014 – ano em que havia um demasiado clamor popular para leis e políticas voltadas contra a violência contra a mulher, tendo em 2015 a lei do feminicídio¹¹; e, por fim, a mais recente, datada em 2022 – edição que, não à toa, traz uma série de paratextos que destacam a relevância da obra para o contexto feminista.

A hipótese que norteia este estudo é a de que as traduções de *A Room of One's Own* para o português brasileiro refletem as perspectivas e debates do feminismo de seus respectivos momentos históricos. Acreditamos que as obras traduzidas em momentos de maior clamor político feminista, atrelados à conquista de direitos das mulheres, tenderão a enfatizar e amplificar essas questões; em contrapartida,

¹¹<https://legis.senado.leg.br/norma/584916#:~:text=Altera%20o%20art.,no%20rol%20dos%20crimes%20hediondos>.

traduções realizadas em contextos mais remotos devem tender a minimizar ou distorcer tais questões.

Esta monografia é baseada em uma pesquisa bibliográfica. Além disso, é realizado um cotejo entre a obra de partida escrita por Woolf e as três traduções para a língua portuguesa brasileira selecionadas. São analisados trechos em que houve diferenças tradutórias marcantes, especialmente aquelas que concernem a uma interpretação mais ou menos feminista.

A pesquisa é apresentada em duas etapas. Em um primeiro momento, será feito um estudo descritivo dos estudos sobre vida e a obra de Virginia Woolf e sobre os pilares teóricos que sustentam a discussão: Tradução Feminista, Tradução Cultural e Tradução Literária, com o objetivo de estabelecer um referencial teórico sólido para embasar a análise das traduções da obra em questão. Em seguida, será efetuada uma análise comparativa das traduções de *A Room of One's Own*, a fim de identificar as escolhas feitas pelos tradutores e analisar os efeitos dessas escolhas na compreensão e interpretação da obra. Os resultados obtidos serão discutidos e interpretados à luz do referencial teórico estabelecido na pesquisa bibliográfica.

CAPÍTULO DOIS

VIRGINIA WOOLF NO BRASIL ATUAL

O presente capítulo examina a fortuna crítica de *A Room of One's Own* de Virginia Woolf, bem como a evolução do feminismo no Brasil e a recepção da obra pelo público brasileiro.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E TEORIA: FORTUNA CRÍTICA DE VIRGINIA WOOLF

Virginia Woolf ocupa um lugar central na historiografia literária do século XX, sendo amplamente reconhecida como uma das figuras mais inovadoras e influentes do modernismo literário. A fortuna crítica de Woolf se desenvolveu em um cenário que progressivamente reconheceu a complexidade e a profundidade de sua obra, marcada por uma trajetória que abrange a aclamação contemporânea, a reavaliação da crítica feminista e a incorporação de abordagens interseccionais e pós-coloniais.

Suas obras perpassaram um percurso literário de diferentes momentos. Seu primeiro romance, *The Voyage Out* (1915), e o subsequente *Night and Day* (1919) apresentavam uma estrutura mais “convencional”, refletindo, embora de maneira ainda incipiente, a influência de sua vida pessoal como fonte criativa, bem como críticas sociais que se tornariam mais evidentes em suas obras posteriores. Foi apenas com a publicação de *Jacob's Room* (1922) que seu estilo narrativo demonstrou uma mudança significativa, já que passou a incorporar elementos de experimentação modernista que marcariam suas obras mais conhecidas, como *Mrs. Dalloway* (1925), *To the Lighthouse* (1927), *Orlando* (1928) e *A Room of One's Own* (1929).

Inicialmente, a recepção das obras de Woolf concentrava-se essencialmente na análise de suas técnicas inovadoras de narrativa. Críticos literários, como E.M. Forster, destacavam na época a habilidade da escritora de manipular a estrutura narrativa tradicional por meio do fluxo de consciência e da fragmentação temporal, o que permitia uma representação da subjetividade e da experiência humana. Esses apontamentos enfatizavam a maneira pela qual Woolf desafiava as convenções literárias do realismo vitoriano, posicionando-a como uma protagonista na exploração do romance modernista.

A redescoberta da obra de Woolf nos anos 1970 e 1980 se deu, em grande parte, devido ao (res)surgimento do interesse pela crítica feminista, o que proporcionou uma nova perspectiva sobre sua contribuição literária. *A Room of One's Own*, por exemplo, passava a ser entendido não apenas com suas realizações estéticas, mas como intervenções teóricas significativas no campo do feminismo literário. Ponderações como as de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, em *The Madwoman in the Attic* (1979), argumentam que Woolf expunha e criticava as estruturas patriarcais que historicamente marginalizavam a autoria feminina.

Nesse mesmo livro, Gilbert e Gubar propuseram a tese da *anxiety of authorship*, ou “ansiedade de autoria”, que descrevia a tensão e a alienação sentidas pelas mulheres ao tentarem se afirmar em um campo literário dominado por normas patriarcais: “Essa ansiedade é, obviamente, exacerbada pelo medo de que ela não só não possa lutar contra um precursor masculino nos ‘seus’ termos e vencer, como também não possa ‘gerar’ arte no corpo (feminino) da musa” (Gilbert; Gubar, 1979, p. 91, tradução nossa). Nesse contexto, a obra de Woolf foi valorizada por sua articulação das barreiras materiais e intelectuais enfrentadas pelas mulheres na produção literária, o que gerou um entendimento mais amplo das intersecções entre gênero e literatura.

Além disso, Gilbert e Gubar argumentam que as representações de mulheres na literatura, predominantemente criadas por autores masculinos, impõem uma narrativa que enclausura a identidade feminina. As autoras alegam que a emancipação literária das mulheres depende da formulação de alternativas que permitam sua autorrepresentação como sujeitos independentes, algo que Virginia explora em *A Room of One's Own*.

Conforme observado por Duarte (1997), as mulheres enfrentavam inúmeros obstáculos resultantes de um sistema patriarcal que limitava suas oportunidades de expressão e publicação:

Muitas fizeram uso de pseudônimos masculinos, como forma de driblar a crítica e, ao mesmo tempo, se protegerem da opinião pública. Muitas filhas, mães, esposas ou amantes escreveram à sombra de grandes homens e se deixaram sufocar por essa sombra. As relações familiares, hierarquizadas e funcionais, não incentivavam o surgimento de um outro escritor na família, principalmente se a concorrência vinha de uma mulher. Não é por acaso que de algumas só se sabe que foi “irmã de Balzac”, “esposa de Musset”, “mãe de Lamartine” e mal se conhecem seus nomes ou seus escritos. (Duarte, 1997, p. 87)

Na historiografia da literatura ocidental, como já dito anteriormente, prevalece a hegemonia de obras produzidas por homens, configurando um cânone literário majoritariamente patriarcal. Nesse contexto, Woolf emerge como uma voz dissidente, pois, mesmo com sua posição mais fragilizada na sociedade diante da sua condição como mulher, ela dispunha do benefício de ser de uma família influente e intelectual na Inglaterra, o que lhe possibilitou acesso a uma boa educação (*homeschooling*)¹² e, naturalmente, a auxiliou no enfrentamento das restrições impostas às mulheres de sua época e a posterior luta pelo direito das mulheres de conquistar o seu espaço no cenário literário.

Nas últimas décadas, a fortuna crítica de Woolf tem sido enriquecida pela inclusão de abordagens interseccionais e pós-coloniais. Pesquisas contemporâneas examinam suas obras através de lentes que consideram as complexidades interligadas de gênero, classe e cultura. Essa multiplicidade de enfoques críticos revela como os textos de Woolf, embora contextualizados em seu tempo histórico, oferecem *insights* profundos e contínuos sobre questões contemporâneas de gênero.

Ao longo de anos de investigação acadêmica, suas contribuições literárias continuam a ser uma rica fonte de análise, o que demonstra sua relevância perene e influência duradoura de seu pensamento na crítica literária contemporânea.

Woolf, com sua ousadia literária e crítica incisiva, não apenas desafiou convenções, mas também pavimentou o caminho para futuras gerações de escritoras que se empenharam em ampliar e redefinir os limites do cânone literário ocidental, tendo em *A Room of One's Own* a sua obra de maior cunho feminista.

2.1.1 *A Room of One's Own*: um legado para o feminismo

A Room of One's Own é amplamente reconhecida como uma pedra angular na interseção entre literatura e teoria feminista. O ensaio, concebido a partir de palestras destinadas a um público feminino universitário em Cambridge, transcende seu contexto original para se posicionar como uma crítica atemporal à marginalização das mulheres na literatura e na sociedade. Woolf argumenta que a independência financeira e o acesso a um espaço privado são pré-requisitos essenciais para a produção literária feminina, estabelecendo uma correlação direta entre as condições

¹² BELL, Q. **Virginia Woolf**: a biography. Londres: Hogarth Press, 1972.

materiais das mulheres e sua capacidade de criar arte. Essa perspectiva revela a sutileza das estruturas opressivas que confinam as mulheres e destaca a necessidade de reformulação dessas condições para a sua emancipação literária e intelectual.

O impacto de *A Room of One's Own* sobre o feminismo é multifacetado. O ensaio desafia a noção de que a genialidade literária é uma prerrogativa masculina, sugerindo que a exclusão das mulheres das esferas educacionais e financeiras é um impedimento significativo para a produção literária. Woolf argumenta que as mulheres, ao longo da história, foram privadas das oportunidades necessárias para desenvolver suas habilidades criativas, e que a falta de “*a room of one's own*” (literalmente, algo como “um cômodo/lugar só seu” ou “um cômodo/lugar próprio”) simboliza as barreiras sistemáticas que limitam sua expressão. Esse argumento se conecta profundamente com os conceitos de autonomia defendidos pelo feminismo, tornando-se uma referência para a crítica da desigualdade de gênero.

Além disso, a obra contribui de forma significativa para a construção de uma genealogia feminista ao propor uma revisão da história literária que inclua as experiências e perspectivas das mulheres. Woolf sublinha a necessidade de criar um cânone literário que reconheça e celebre as vozes femininas, contestando a hegemonia dos padrões masculinos de avaliação estética. Essa abordagem ecoa na ginocrítica,¹³ que busca estudar a literatura produzida por mulheres em seus próprios termos, considerando as especificidades de suas experiências. A obra de Woolf antecipa debates posteriores sobre a importância de uma crítica literária feminista que valorize a diversidade e a complexidade das narrativas femininas, assim, Woolf pavimentava o caminho para uma crítica literária que valorize a diversidade de vozes e narrativas, desafiando a hegemonia dos padrões masculinos de avaliação estética.

A relevância contemporânea de *A Room of One's Own* reside na sua habilidade de articular a relação entre gênero e espaço de forma que continua a informar e inspirar a teoria feminista. Woolf não apenas expõe as limitações impostas às mulheres escritoras, mas também vislumbra um futuro em que essas limitações possam ser superadas. Seu apelo por um espaço próprio para a mulher escritora serve como uma metáfora duradoura para a luta contínua por igualdade e representação nas esferas literária e cultural, destacando a importância de ambientes inclusivos que promovam a criatividade e a expressão feminina.

¹³ termo cunhado pela crítica feminista Elaine Showalter em 1977. *A Literature of Their Own – British Women Novelists from Brontë to Lessing*

2.2 WOOLF EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

A recepção das obras de Virginia Woolf no Brasil, especialmente de *Um teto todo seu* (maneira pela qual *A Room of One's Own* majoritariamente foi traduzido no Brasil) deve ser contextualizada dentro das particularidades sociais e políticas do país, que moldaram o interesse vigente pela autora e, conseqüentemente, a interpretação de sua obra. O Brasil do século XX, marcado por profundas desigualdades sociais, políticas autoritárias e uma luta contínua por direitos civis e sociais, oferece um cenário distintivo para a recepção de Woolf, cujas reflexões sobre a autonomia feminina, a criatividade e o papel das mulheres na sociedade ressoam de maneira peculiar no contexto brasileiro.

A introdução de Woolf no cenário literário brasileiro coincide com um período de intensificação do movimento feminista no país, especialmente a partir dos anos 1970. Durante esse período, as traduções de suas obras começaram a ganhar espaço, e *Um teto todo seu* emergiu como um texto ímpar para o entendimento das questões feministas em um contexto nacional, no qual o debate sobre os direitos das mulheres começava a surgir de maneira mais contundente. As reflexões de Woolf sobre a necessidade de independência financeira e de um espaço próprio para a mulher criadora ressoaram nas lutas feministas brasileiras por igualdade de gênero, autonomia econômica e reconhecimento social, em um país onde as desigualdades de gênero eram (e ainda são) profundas e estruturais.

A década de 1980 no Brasil foi um período significativo de redemocratização e de efervescência cultural e política e, nesse sentido, foi um dos períodos de maior produção de traduções da obra de Woolf. Discussões sobre democracia, direitos humanos e igualdade de gênero começaram a ganhar mais visibilidade no discurso público. Nesse cenário, a obra de Woolf foi extensivamente debatida e integrada aos estudos de literatura e feminismo. Os intelectuais e ativistas brasileiros viram em Woolf uma parceira valiosa na crítica às estruturas patriarcais e na defesa da emancipação feminina, empregando suas concepções como base teórica e inspiração para a criação de novos textos e discussões.

A postagem *traduzindo mrs. Dalloway*, do blog de Denise Bottman, realizou um breve panorama histórico das obras de Woolf no Brasil e do período em que elas foram traduzidas. A primeira tradução da autora registrada no Brasil, segundo Bottman, foi a de *Mrs. Dalloway* de Mário Quintana em 1946, pela editora Globo. Entretanto, como

dito anteriormente, um dos períodos de maior presença de Virginia Woolf no Brasil se deu especialmente na década de 1980, tendo em seus registros nove edições publicadas. A primeira tradução de *A Room of One's Own* no Brasil foi realizada por Vera Ribeiro, cuja edição publicada pela Nova Fronteira é datada de 1985, e que utilizaremos para fins de análise.

2.2.1 Boom pós-entrada no domínio público

Virginia Woolf, como mencionado anteriormente, ocupa um lugar de prestígio na literatura mundial, o que gera um interesse editorial e uma produção significativa de traduções dessa grande autora. Entretanto, seu *boom* no Brasil, de fato, ocorreu especialmente após suas obras entrarem em domínio público, em 2012. Segundo Leite (2017), durante esse período foi possível observar um crescimento exponencial na quantidade de traduções publicadas, um fenômeno que reflete a duradoura relevância literária da autora.

Especificamente após 2012, as traduções das obras de Woolf mais que duplicaram, indicando uma ressignificação do interesse editorial e acadêmico por seus textos. Em relação a *Um teto todo seu*, antes de 2012, a obra contava com poucos registros e, após essa data até o ano de 2024, várias novas traduções da obra foram publicadas, revelando uma mudança significativa no ritmo de publicação e na abordagem das editoras brasileiras em relação à obra de Woolf. De maneira similar, outros títulos, como *Mrs. Dalloway* e *To the Lighthouse*, que são emblemáticos dentro do cânone woolfiano, também experimentaram um aumento substancial no número de traduções, tornando-se frequentemente traduzidos no Brasil.

Esse grande intervalo entre as primeiras e segundas traduções é revelador das complexas dinâmicas do mercado editorial brasileiro no que tange à recepção da literatura modernista de Woolf. Ainda segundo Leite (2017), a análise das primeiras traduções sob a perspectiva do "critério de vendas" indica que, inicialmente, as obras de Woolf eram consideradas prestigiosas, mas não necessariamente bem-sucedidas comercialmente.

Destarte, a dinâmica das traduções das obras de Woolf no Brasil demonstra como houve uma evolução da recepção crítica e comercial de seus textos, além de revelar mudanças significativas no contexto cultural e editorial do país. A ampliação do número de traduções após a entrada das obras em domínio público sugere uma

revitalização do interesse por Woolf, possivelmente influenciada por um público leitor mais diversificado e por uma maior valorização acadêmica de sua obra.

2.2.2 Woolf no Brasil de hoje

No contexto social e político brasileiro contemporâneo, a obra de Woolf se faz muito pertinente. Suas reflexões sobre a necessidade de um espaço próprio para a mulher ressoam em um Brasil que ainda lida com questões de desigualdade de gênero, violência contra a mulher e luta por direitos. A obra de Woolf, portanto, não apenas ilumina a condição das mulheres no passado, mas também fornece ferramentas teóricas e narrativas para compreender e enfrentar os desafios atuais da sociedade brasileira.

Woolf viveu em um período de transição histórica, marcado por profundas transformações sociais, políticas e intelectuais. *A Room of One's Own* foi publicado em um período em que a Inglaterra obtinha em suas raízes profundos ideais vitorianos de castidade e pureza atrelados à figura feminina, dessa maneira, a mulher não possuía um incentivo social de obter seus próprios meios de sobrevivência.

No Brasil de hoje, a recepção das obras de Woolf, especialmente de *A Room of One's Own*, continua a ser significativa e impactante. Com o aumento do interesse por questões feministas e de igualdade de gênero, as ideias de Woolf encontraram um novo público e ressoam fortemente com as discussões contemporâneas. A mais recente edição de *Um teto todo seu*, publicada pela editora Antofágica em 2022, por exemplo, reforça essa noção ao trazer em si paratextos focados na relevância da obra para o contexto feminista.

Resenhistas como Eliane Brum, em sua coluna para o jornal *El País* em 2014, após a edição de 2014 da Editora Tordesilhas, ressaltam como as reflexões de Woolf sobre a necessidade de independência financeira e um espaço próprio para as mulheres são ainda atuais. Brum observa que “as palavras de Woolf atravessam o tempo e o espaço, encontrando eco em uma sociedade que ainda luta por igualdade de oportunidades entre os gêneros” (Brum, 2014). Da mesma forma, a escritora e dramaturga Livia Piccolo, em uma resenha para seu canal de YouTube em 2022, comenta que *Um teto todo seu* “é uma das obras mais importantes da crítica literária feminista, um ensaio absolutamente inovador e bem à frente do seu tempo” (Piccolo, 2022).

Essas resenhas mostram como Woolf continua a influenciar e inspirar debates no Brasil contemporâneo, o que reafirma a pertinência de sua obra em um contexto que ainda busca resolver muitas das questões que ela abordou em seu tempo.

CAPÍTULO TRÊS

OS ESTUDOS FEMINISTAS DA TRADUÇÃO

Inspirados por um contexto de crescente consciência feminista, os Estudos Feministas da Tradução vislumbram a tradução como um espaço de resistência e transformação social. Ao questionar as normas de gênero inscritas na linguagem, os tradutores feministas buscam subverter a ordem estabelecida e gerar uma maior equidade entre os gêneros, promovendo, portanto, subterfúgios para indicar uma obra com um teor mais ou menos feminista.

A partir da noção do ato tradutório como um ato consciente e ativo, o tradutor assume uma posição que o demanda responsabilidade de seu próprio ofício, já que, durante a tradução, se confronta com inúmeras escolhas e caminhos a serem adotados e é nesse ínterim que o tradutor, como um agente transformador de um texto, pode utilizar de seu papel para gerar uma tradução consciente e com teor feminista.

A obra seminal de Luise von Flotow, *Translation and Gender* (1997), em conjunto com seu artigo traduzido para o português, *Tradução Feminista: Contextos, Práticas e Teorias* (2021), representam um marco nos Estudos Feministas da Tradução. Ao desconstruir o mito da neutralidade tradutória, a autora nos convida a enxergar a tradução como um ato político e cultural, profundamente influenciado por questões de gênero e poder.

Em *Translation and Gender*, von Flotow revoluciona os estudos da tradução ao propor a intrínseca relação entre gênero e poder nesse processo. Ao desvelar como a tradução pode tanto perpetuar quanto subverter normas de gênero, a autora convida-nos a uma reflexão crítica sobre o papel da tradução na construção de identidades e na manutenção de desigualdades sociais, a respeito disso, von Flotow argumenta:

A consciência de gênero na prática tradutória suscita questões sobre os vínculos entre os estereótipos sociais e as formas linguísticas, sobre a política do idioma e a diferença cultural, sobre a ética da tradução e sobre a revitalização de obras inacessíveis para leitores contemporâneos. Ela destaca a importância do contexto cultural no qual a tradução é feita. (von Flotow, 1997, p. 14, tradução nossa).

A autora aprofunda sua análise em “Tradução Feminista: Contextos, Práticas e Teorias”, investigando como o contexto sociocultural molda as práticas tradutórias e

propondo uma abordagem feminista que valorize a equidade de gênero por meio de estratégias como a suplementação, a utilização de prefácios e notas de rodapé e “sequestro”:

Com noções de fidelidade e verdade, transparência e significado definitivo na tradução dando lugar a suplementação, experimentação, interferência e “transformance”,⁵² e com a conscientização feminista inscrita em muitos aspectos de nossa escrita contemporânea, há, então, todas as razões para que “This evening I’m entering history without opening my legs” seja uma versão contemporânea válida de “Ce soir j’entre dans l’histoire sans relever ma jupe”. (von Flotow, 2021, p. 508)

Ao defender possíveis estratégias de subversão da linguagem por meio de uma tradução feminista, a autora argumenta a favor de possibilidades tradutórias para refletir as sensibilidades femininas e, dessa forma, convida os tradutores a adotar uma postura crítica diante das escolhas linguísticas ao considerar as implicações sociais de suas decisões. Von Flotow, portanto, atribui aos profissionais da tradução um papel primordial na desconstrução de normas de gênero e na construção de uma sociedade justa e igualitária.

Ao dialogarem com as especificidades brasileiras, as teorias de von Flotow enriqueceram os Estudos Feministas da Tradução, ampliando a análise para as complexas interseções de gênero, classe e colonialidade. Essa perspectiva posiciona a tradução como um campo de luta, articulando as demandas feministas e promovendo uma transformação social que equacione as relações de gênero.

3.1 OS ESTUDOS FEMINISTAS DA TRADUÇÃO NO BRASIL

Os Estudos Feministas da Tradução no Brasil constituem um campo de investigação relativamente recente, que tem ganhado cada vez mais visibilidade e relevância na academia. A primeira tradutora que abordou sobre o tema foi Rosemary Arrojo, grande pesquisadora dos Estudos da Tradução no Brasil e no mundo, que argumentou em seu artigo *Fidelity and the Gendered Translation*, baseado nos postulados de Derrida e sua teoria de desconstrução¹⁴, sobre quais éticas permeariam uma tradução de gênero, nesse caso, a feminista.

¹⁴ Teoria em que Jacques Derrida aborda sobre o processo de análise da linguagem com o intuito de desconstruir preconceitos e gerar novas perspectivas de pensamento.

Nesse viés, a pesquisa de Naylane Araújo Matos, com sua análise abrangente da produção científica nacional entre 1990 e 2020, contribui de forma significativa para mapear esse campo em constante transformação. Ao desvelar os percursos históricos, teóricos e metodológicos dessa área de estudo, a autora nos oferece um panorama detalhado da produção científica nacional e sinaliza para novas possibilidades de pesquisa e aprofundamento teórico.

Os resultados de Matos (2020) evidenciam que os Estudos Feministas da Tradução no Brasil são profundamente influenciados pelo contexto colonial e pelas especificidades da luta das mulheres brasileiras, que diferem das experiências feministas em outros locais devido à interseção de questões de classe e de colonialidade. As articulações feministas no Brasil, ao buscarem forjar alianças transnacionais e promover a transformação social, revelam a tradução feminista como um campo que transcende o ato tradutório, oferecendo uma plataforma para a contestação e o reconhecimento das desigualdades.

Ademais, tal como o intuito desse trabalho, a visão proposta por Naylane é a de pautar a tradução feminista sob uma ótica inclusiva, com base em uma visão estruturalista da sociedade capitalista e patriarcal. Já que, como alude a autora, “(...) a tradução tem um papel central na circulação transnacional de perspectivas feministas que podem forjar a solidariedade entre as mulheres na luta pela transformação social.” (Araújo, 2022, p. 14).

Este trabalho, portanto, buscará, por meio dos Estudos Feministas da Tradução, pautados sob uma perspectiva anticolonialista e inclusiva, analisar as obras traduzidas de *A Room of One's Own*.

CAPÍTULO QUATRO

ANÁLISE DAS TRADUÇÕES

Neste capítulo, iremos analisar trechos selecionados das primeiras dez páginas de *A Room of One's Own* de Virginia Woolf e de três traduções para o português brasileiro: a tradução de Vera Ribeiro (1985, Editora Círculo do Livro), a de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso (2014, Editora Tordesilhas) e a de Vanessa Barbara (2022, Editora Antofágica). As análises serão fundamentadas nos Estudos Feministas da Tradução, Tradução Cultural e Tradução Literária, com o intuito de destacar como os tradutores lidaram com as questões de gênero e outras nuances feministas relacionadas ao gênero presentes na obra original e nos estudos da Tradução Literária e Tradução Cultural, buscando reconhecer a agência do tradutor como recriador do texto que (re)contextualiza a obra para o público-alvo de acordo com os contextos que o permeiam e, ao mesmo tempo, de enxergar a tradução como um entre-lugar que reforça a complexidade do ato tradutório como algo perene e ao mesmo tempo efêmero.

A perspectiva feminista, com foco nas contribuições de Luise von Flotow, permitirá investigar como as traduções representam e (re)constroem as experiências femininas, especialmente no que tange às estratégias de subversão e reconstrução adaptativa para gerar um teor mais ou menos feminista. A abordagem cultural, inspirada por Homi Bhabha, proporcionará ferramentas para analisar como as traduções são negociações ativas entre culturas e contextos e a lente da Tradução Literária nos permitirá explorar as especificidades da tradução dos textos literários e maneira pela qual as escolhas dos tradutores permeiam a sua atuação como um mediador. A combinação dessas perspectivas teóricas proporcionará um quadro analítico robusto para compreender as nuances e implicações das diferentes traduções, sobretudo no que concerne à representação de gênero e à adaptação cultural.

Como já dito anteriormente, von Flotow (1997, 2021) nos oferece uma perspectiva que destaca a necessidade de considerar as implicações de gênero na tradução. Segundo von Flotow, a tradução feminista deve engajar-se ativamente na desconstrução de estereótipos de gênero e na promoção de uma representação mais equitativa das identidades de gênero. Em seus postulados, a autora demonstra como as escolhas tradutórias podem tanto reforçar quanto subverter normas de gênero

estabelecidas. Nesse sentido, tradutores feministas assumem um papel ativo ao questionar o gênero gramatical, buscar alternativas ao neutro e desafiar a visão androcêntrica inscrita na linguagem, abrindo caminho para novas possibilidades de representação e de construção de significados.

Em *Tradução Feminista: Contextos, Práticas e Teorias*, von Flotow amplia sua análise para considerar como a tradução feminista deve ser adaptada a contextos culturais e históricos específicos, promovendo uma prática tradutória sensível às dinâmicas locais de gênero. Ela afirma que

uma vez que a 'linguagem patriarcal' e suas instituições governam a maioria dos aspectos da linguagem convencional, seja em inglês, francês ou qualquer outra língua, as tradutoras que vertem textos feministas quebequenses para o inglês tiveram de transformar a crítica de uma língua na crítica de outra. (von Flotow, 2021, p. 498)

Dessa forma, a autora nos convida a refletir sobre a complexidade da tradução feminista em diferentes contextos culturais e históricos e, ao destacar a necessidade de adaptar a prática tradutória às dinâmicas locais de gênero, sublinha o desafio de traduzir a crítica feminista de uma língua para outra. Essa perspectiva é fundamental para a análise das traduções de *A Room of One's Own* de Virginia Woolf, pois nos permite investigar como os tradutores brasileiros lidaram com as construções de gênero presentes no texto original e como essas construções foram (re)apresentadas em um contexto cultural e linguístico distinto.

A teoria da tradução literária de Lefevere complementa essa perspectiva ao oferecer um enfoque na manipulação cultural e ideológica do texto traduzido. Em *Translation/ History/ Culture: A Sourcebook* (1992), Lefevere argumenta que

O mais importante não é como as palavras são combinadas na página, mas por que elas são combinadas dessa forma, quais considerações sociais, literárias e ideológicas levaram os tradutores a traduzir da forma que fizeram, o que eles esperavam alcançar ao traduzir da forma que fizeram, se é possível dizer que eles alcançaram seus objetivos ou não, e por quê. (Lefevere, 1992, p. 81, tradução nossa)

A tradução, portanto, não se comporta como um processo neutro, mas como uma prática social e ideológica que reflete as relações de poder e as normas culturais de uma determinada época. Ao alinhar essa perspectiva com a análise das traduções de Woolf, podemos observar como as escolhas tradutórias são influenciadas por valores e ideologias tanto do texto de partida quanto do contexto cultural de chegada,

transformando o texto traduzido em um produto cultural dinâmico que reflete e molda as relações de poder e as normas sociais de uma determinada época.

Nesse sentido, o crítico literário e tradutor Homi Bhabha argumenta sobre o papel de negociação existente na tradução cultural e como ela se faz em algo que o autor intitula como “Terceiro Lugar” que, embora não palpável, se constitui de posições discursivas de enunciação que garantem a coexistência entre os significados e os símbolos e, dessa maneira, é capaz de negociar as polaridades entre os textos fonte e alvo para novos conhecimentos que emergem. Em seu livro “O Local da Cultura”, o crítico anglo-indiano diz:

A produção de sentido requer que esses dois lugares sejam mobilizados na passagem por um Terceiro Espaço, que representa tanto as condições gerais da linguagem com quanto a implicação específica do enunciado em uma estratégia performativa institucional da qual ela não pode, em si, ter consciência. O que essa relação inconsciente introduz é uma ambivalência no ato da interpretação. O eu pronominal da proposição não pode ser levado a interpelar – suas próprias palavras - o sujeito da enunciação, pois isso não é personalizável, e sim continua sendo uma relação espacial no interior dos esquemas e estratégias do discurso. (Bhabha, p. 66, 1998)

Ao fundir as perspectivas dos Estudos da Tradução Feminista, da Tradução Cultural e Literária, a investigação das traduções de *A Room of One's Own* permite uma análise aprofundada de como questões de gênero se entrelaçam com as dinâmicas culturais no processo tradutório. Com o objetivo de compreender como as traduções negociam essas questões, este trabalho se concentrará em como os tradutores navegaram entre as normas de gênero e os valores culturais predominantes, adaptando e reinterpretando a obra de Woolf para o contexto brasileiro.

Além disso, por meio dessas análises, procuramos identificar recursos utilizados pelos tradutores de se aproximar ou se afastar do público-alvo em decorrência do que seria falado e de seu respectivo impacto social. Com base nesses pressupostos teóricos, investigarei como cada tradução aborda as questões feministas e as estratégias tradutórias utilizadas para manter ou adaptar as nuances da obra de Woolf.

Os trechos em inglês da obra de partida foram mencionados de forma anterior às traduções que serão divididas em três colunas da seguinte forma, da esquerda para a direita: 1) Tradução de Vera Ribeiro (1985); 2) Tradução de Bia Nunes e Glauco Mattoso (2014); 3) Tradução de Vanessa Barbara (2022).

Alguns trechos foram colocados em negrito a fim de demonstrar diferenças tradutórias de forma geral, passíveis ou não de comentários, com o intuito maior de destacar àqueles mais pertinentes para o intuito da monografia: analisar como as traduções, ao longo do tempo, podem ou não gerar algum tipo de discrepância interpretativa em relação ao cunho feminista da obra de Woolf.

TRECHO UM

<p>“But, you may say, we asked you to speak about women and fiction — what, has that got to do with a room of one’s own? I will try to explain. When you asked me to speak about women and fiction I sat down on the banks of a river and began to wonder what the words meant.” (p. 5, 2004)</p>		
<p>Tradução de Vera Ribeiro (p. 7, 1985)</p>	<p>Tradução de Bia Nunes e Glauco Mattoso (p. 11, 2014)</p>	<p>Tradução de Vanessa Barbara (p. 15, 2022)</p>
<p>Mas, dirão vocês, nós lhe pedimos que falasse sobre as mulheres e a ficção — o que tem isso a ver com um teto todo seu? Vou tentar explicar. Quando vocês me pediram que falasse sobre as mulheres e a ficção, sentei-me à margem de um rio e comecei a pensar sobre o sentido dessas palavras.</p>	<p>Mas, vocês podem dizer, nós pedimos para você falar sobre mulheres e ficção – o que isso tem a ver com um teto todo seu? Vou tentar explicar. Quando vocês me pediram para falar sobre o significado dessas palavras sobre mulheres e ficção, sentei-me às margens de um rio e ponderei sobre o significado dessas palavras.</p>	<p>Mas, vocês podem dizer, pedimos para você falar sobre mulheres e ficção – o que isso tem a ver com um quarto só seu?¹ Vou tentar explicar. Quando vocês me pediram para falar sobre mulheres e ficção, sentei-me à beira de um rio e comecei a pensar sobre o que essas palavras significavam.</p>
		<p>¹ No original, “A room of one’s own”, que também é o título deste ensaio em inglês. Nesta edição, optamos por manter o título consagrado em português Um teto todo seu (traduzido assim pela</p>

		primeira vez por Vera Ribeiro, em 1985). [N. de E.]
--	--	---

Quadro 1 – excerto do texto fonte e de suas traduções

Neste trecho de *A Room of One's Own*, que marca a abertura da obra, Woolf aborda a relação entre mulheres e ficção e, assim, conecta essa discussão à necessidade de um espaço próprio, simbolizado pelo, tal como o título da obra em inglês, "a room of one's own". As três traduções em português apresentam variações sutis que refletem diferentes abordagens para manter ou adaptar o teor feminista da obra.

A tradução de Ribeiro (1985) e a de Nunes e Mattoso (2014) trazem "um teto todo seu", o que, mesmo alterando a semântica da palavra "room" para "teto" mantém a ideia de espacialidade e autonomia, essencial para o argumento feminista de Woolf. A escolha tão consagrada de "teto" em português brasileiro, expande a interpretação do espaço físico de maneira mais abrangente, já que pode ser entendido como algo que remetesse à uma proteção que envolveria as mulheres para obterem seu sucesso pessoal e profissional. Aqui também há a escolha de "todo" com ênfase para uma totalidade espacial, um espaço em que deva ser completamente pertencente à mulher.

Já na tradução de Bárbara (2022) "a room of one's own" se torna "um quarto só seu", neste caso, diferentemente dos dois anteriores há a escolha tradutória de manter uma certa raiz semântica da tradução da palavra "room" e de trazer uma certa intimidade perante o espaço abordado. A nota de rodapé também em anexo alude a justificativa perante a não alteração ao título da obra ("um teto todo seu") devido à sua consagração no meio literário.

A escolha entre "quarto" e "teto", "só" e "todo", abrangem, especialmente, aspectos que concernem à espacialidade da ideia literária de Woolf. "Um quarto só seu" pode ser percebido como uma tradução que mantém a particularidade e o íntimo do espaço, enquanto "Um teto todo seu" oferece a consolidação de um espaço mais amplo, entretanto, em ambos os casos a metáfora da obra de Woolf é preservada.

De maneira geral, as traduções procuram transmitir uma ideia de difícil tradução, já que uma tradução literal, por exemplo, da frase "a room of one's own" não ocasionaria em um bom resultado, pois os termos "room" e "one's own" são bem complexos e abrangentes, o que torna as escolhas, tanto de "um quarto só seu",

quanto de “um teto todo seu” coerentes com a proposta de Woolf sob um viés da Tradução Cultural e a figura do tradutor como um recriador proposto por Lefevere.

Em “When you asked me to speak about women and fiction (...)” as três traduções passaram por modificações sutis. Na tradução de 1985, “Quando vocês me pediram que falasse sobre as mulheres e a ficção (...)”, Ribeiro mantém uma simplicidade que corresponde à estrutura frasal da obra. Woolf, ao discutir mulheres e ficção, insere uma crítica ao papel limitado das mulheres na literatura, e a escolha por “falasse” sem desvio para interpretações adicionais preserva essa crítica sem mediações.

Em 2014, Nunes e Mattoso traduziram como “Quando vocês me pediram para falar sobre o significado dessas palavras sobre mulheres e ficção (...)”. Aqui, há uma ênfase no significado das palavras, introduzindo um aspecto mais reflexivo sobre a linguagem. Essa escolha traz uma dimensão que pode ser entendida como feminista, pois acentua o debate sobre como a linguagem molda a percepção das mulheres na literatura. Além disso, a ampliação do foco para o “significado dessas palavras” pode sugerir que, além de discutir as condições materiais das mulheres na ficção, também é necessário questionar como a própria linguagem pode perpetuar ou desconstruir normas patriarcais. Já em 2022, Barbara traduz “Quando vocês me pediram para falar sobre mulheres e ficção (...)” retorna à forma proferida por Ribeiro, porém nos oferece uma estrutura mais informal ao escolher pelo verbo “falar”.

TRECHO DOIS

<p>“But at second sight the words seemed not so simple. The title women and fiction might mean, and you may have meant it to mean, women and what they are like; or it might mean women and the fiction that they write; or it might mean women and the fiction that is written about them; or it might mean that somehow all three are inextricably mixed together and you want me to consider them in that light, (...)” (p. 5, 2004)</p>		
<p>Tradução de Vera Ribeiro (p. 7, 1985)</p>	<p>Tradução de Bia Nunes e Glauco Mattoso (p. 11, 2014)</p>	<p>Tradução de Vanessa Barbara (p. 15, 2022)</p>
<p>Mas, numa segunda reflexão, as palavras não pareceram tão simples. O título "As mulheres e a</p>	<p>Mas, à segunda vista, as palavras não parecem tão simples. O título "As mulheres e a ficção"</p>	<p>Mas, à segunda vista, as palavras não me pareceram tão simples. O título "As mulheres e a</p>

<p>ficção" poderia significar — e talvez vocês assim o quisessem — a mulher e como ela é; ou poderia significar a mulher e a ficção que ela escreve; ou poderia significar a mulher e a ficção escrita sobre ela; ou talvez quisesse dizer que, de algum modo, todos os três estão inevitavelmente associados, e vocês desejariam que eu os examinasse sob esse ângulo.</p>	<p>poderia significar, e talvez vocês pensassem assim, as mulheres e como elas são, ou as mulheres e a ficção que elas escrevem, ou poderia significar as mulheres e a ficção que é escrita sobre elas, ou poderia significar que de alguma forma de três possibilidades estão inextricavelmente emaranhadas e vocês gostariam que eu a considerasse sob esse ponto de vista.</p>	<p>ficção" poderia significar, como vocês talvez tenham desejado, as mulheres e como elas são, ou as mulheres e a ficção que elas escrevem; ou poderia significar as mulheres e a ficção que se escreve sobre elas; ou talvez essas três opções estejam inextricavelmente emaranhadas e vocês gostariam que eu as considerasse sob esse ponto de vista.</p>
---	---	---

Quadro 2 – excerto do texto fonte e de suas traduções

As três traduções apresentam mudanças, o que é natural, visto que a tradução é uma obra viva e em construção, tal como abordamos ao entender a tradução e seu processo como parte integrante de um “entre-lugar”, entretanto, a tradução de Vera Ribeiro apresenta opções tradutórias distintas mais evidentes que se relacionam com o ideário feminista da obra.

Há muitos aspectos que poderíamos comentar apenas nesse trecho, mas o que chama mais atenção, de maneira geral, na tradução de 1985, é a forma pela qual não há uma preocupação perante a universalização do tema levantado por Woolf, especialmente pelas escolhas de não flexionar em número a palavra “mulher”. Nesse sentido, as escolhas de traduzir por “mulheres” em “or it might mean women and the fiction that is written about them” adotadas nas obras de 2014 e 2022 se alinham a um olhar concernente à tradução feminista, na qual a escolha adotada possibilitou a amplificação de um discurso feminista.

Ao compararmos os trechos “Mas, numa segunda reflexão, as palavras não pareceram tão simples” (1985), “Mas, à segunda vista, as palavras não parecem tão

simples.” (2014) e “Mas, à segunda vista, as palavras não me pareceram tão simples.” (2022), há uma sutil distinção na escolha do tempo verbal. Ao optar por “não pareceram tão simples”, a utilização do pretérito perfeito imprime um caráter definitivo à reflexão, como se, em dado momento do passado, a narradora tivesse chegado a uma conclusão. O uso desse tempo verbal sugere, portanto, uma análise que já foi concluída, a qual pode nos dar uma impressão de distanciamento ou encerramento da questão abordada, o que difere do tom de questionamento e reflexão contínuo presente da obra de Woolf.

A tradução de 2014 opta por manter o presente do indicativo com “não parecem tão simples”, aproximando-se mais da ideia de um processo contínuo de reflexão, já que o presente do indicativo tem essa perspectiva de atemporalidade. Ademais, o uso do presente cria uma sensação de imediatismo, como se o pensamento ainda estivesse em andamento, o que permite ao leitor a sensação de que a complexidade das palavras é uma descoberta em tempo real, e, assim, ressoa com uma leitura feminista pois implica que as questões sobre mulheres e ficção estão constantemente sendo revisadas e reconsideradas, sem uma conclusão fixa.

A obra de 2022 adota uma construção semelhante à de 2014, com “não me pareceram tão simples”, mas adiciona o pronome reflexivo “me”. Esse detalhe enfatiza a subjetividade da reflexão da narradora, aproximando-a ainda mais do público ao sugerir que a complexidade das palavras é uma percepção da própria vivência da autora, o que a aproxima do público leitor. Além disso, mantém o tom contínuo de questionamento e crítica às estruturas patriarcais da linguagem e da ficção, essencial para a abordagem feminista da autora. As escolhas de tempo e modo verbal, portanto, refletem como cada tradutor lida com a complexidade da análise de gênero e com o caráter mutável da ficção sobre e por mulheres.

TRECHO TRÊS

“All I could do was to offer you an opinion upon one minor point – a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction; and that, as you will see, leaves the great problem of the true nature of woman and the true nature of fiction unsolved.” (p. 5, 2004)

Tradução de Vera Ribeiro
(p. 8, 1985)

Tradução de Bia Nunes e
Glauco Mattoso (p. 12,
2014)

Tradução de Vanessa
Barbara (p. 15, 2022)

<p>Tudo o que poderia fazer seria oferecer lhes uma opinião acerca de um aspecto insignificante: a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção; e isso, como vocês irão ver, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção.</p>	<p>Tudo o que eu poderia fazer seria dar-lhes a minha opinião sob um ponto de vista mais singelo: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção.</p>	<p>Tudo o que eu podia oferecer era uma opinião sobre um tópico menor: de que uma mulher, para escrever ficção, precisa ter dinheiro e um quarto só seu; e isso, como vocês irão ver, não resolve o problema maior da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção.</p>
--	---	--

Quadro 3 – excerto do texto fonte e de suas traduções

No trecho três, de imediato já podemos perceber a diferença de tamanho entre as traduções de 1985 e 2014 para a de 2022, o que nos revela diversas opções e possíveis obstáculos tradutórios gerados pelo trecho em inglês. Na tradução de Vanessa Barbara há, aparentemente, uma tendência de escolhas voltadas para uma maior “simplificação” do discurso do trecho, escolhas estas que reverberam com o viés de uma tradução feminista perante a obra, já que o maior intuito aqui é o de se fazer entender e de ser entendida perante a mensagem que a obra tenta passar por meio de estruturas mais informais, e, portanto, mais acessíveis.

Ademais, ao compararmos as escolhas tradutórias perante os equivalentes de “minor point” encontramos em Ribeiro a escolha por “aspecto insignificante”, em Nunes e Mattoso “ponto de vista mais singelo” e em Barbara “tópico menor” e é notória a maneira pela qual as traduções de 2014 e 2022 buscaram escolher palavras com um teor semântico mais positivo, já que o ponto apresentado por Virginia seria justamente a sua maior argumentação durante o livro: de que a mulher precisa necessariamente de condições materiais e imateriais para ser uma pessoa na sociedade. Nesse viés, a escolha de Ribeiro tem uma carga semântica até maior da que foi apresentada por Woolf e, naturalmente, nos remete ao tempo em que a

tradução foi publicada, já que, comparado às escolhas de Nunes e Mattoso e de Barbara, não houve uma conscientização perante a escolha dessas palavras, algo razoável de se considerar diante de um contexto histórico em que não se debatia sobre o feminismo tal como se debate atualmente.

Uma outra escolha de destaque é o da utilização em 1985 de “(...) a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção”. Ao escolher a tradução de “a woman” para “a mulher”, Ribeiro pode restringir o escopo da universalização gerada pelo artigo indefinido em inglês e afasta o público-alvo do discurso proferido, diferentemente das traduções de 2014 e 2022 em que há uma maior tentativa de aproximação e universalização do discurso proferido.

Nesse mesmo segmento, em inglês temos “(...) a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction”; esse trecho gerou disparidades consideráveis dentre as traduções, especialmente pelas escolhas de equivalentes para o “if she is to write”, que gerou interpretações distintas e consequentes explicitações do trecho. Na tradução de Vera Ribeiro, há o acréscimo do advérbio “mesmo”, uma escolha que soa como se, para escrever ficção, a mulher devesse ter certeza do que está fazendo, algo como um aspecto condicionante da própria escolha. Em 2014 Nunes e Mattoso optam por “se quiser escrever ficção” uma outra explicitação com o aspecto condicionante vinculado à escolha do “se”, já na obra de 2022 a estratégia adotada por Barbara foi de inverter a estrutura da frase para soar mais natural no português brasileiro e ficou da seguinte forma “de que uma mulher, para escrever ficção, precisa ter dinheiro e um quarto só seu”.

TRECHO QUATRO

“Lies will flow from my lips, but there may perhaps be some truth mixed up with them; it is for you to seek out this truth and to decide whether any part of it is worth keeping. If not, you will of course throw the whole of it into the waste-paper basket and forget all about it.” (p. 7, 2004)		
Tradução de Vera Ribeiro (p. 9, 1985)	Tradução de Bia Nunes e Glauco Mattoso (p. 13, 2014)	Tradução de Vanessa Barbara (p. 16, 2022)
Mentiras fluirão de meus lábios, mas talvez possa haver alguma verdade no meio delas; cabe a	Dos meus lábios fluirão mentiras, mas talvez haja alguma verdade misturada a elas; cabe a	Meus lábios deixarão fluir muitas mentiras, mas haverá talvez alguma verdade no meio

<p>vocês buscar essa verdade e decidir se vale a pena conservar algo dela. Caso contrário, naturalmente jogarão tudo na cesta de papéis e esquecerão o assunto.</p>	<p>vocês buscar essa verdade e decidir se vale a pena guardar parte dela. Se não, é lógico, vocês vão jogar tudo isso no lixo e esquecer.</p>	<p>delas; cabe a vocês buscar essa verdade e decidir se vale a pena guardar alguma coisa. Se não valer, é claro, vocês irão jogar tudo no lixo e esquecer o assunto.</p>
--	--	---

Quadro 4 – excerto do texto fonte e de suas traduções

O trecho quatro se difere consideravelmente entre as traduções. Em Ribeiro, há uma certa formalidade diante das construções frasais comparadas às de Nunes e Mattoso e Bárbara, um exemplo é a utilização de estruturas como “mas talvez possa haver (...)” e a presença de verbos no futuro como “fluirão” e “jogarão”, que trazem um certo teor mais formal à obra.

Um outro ponto é a maneira pela qual a primeira frase do trecho foi construída e como ela se modifica de alguma forma em todas as traduções. Em Ribeiro, a utilização de “possa haver” estabelece uma distância maior entre quem fala e a da veracidade do que está sendo falado, o que pode indicar uma maior relutância ou uma tentativa de se afastar da responsabilidade sobre a declaração. Em comparação com as outras traduções, que nesse trecho em específico ficaram como “talvez haja” (2014) e “haverá talvez” (2022), a formulação do trecho de 1985 soa como uma incerteza mais marcante.

Em “(...) decide whether any part of it is worth keeping”, a escolha para traduzir “worth keeping” foi diferente em cada uma das traduções, mesmo que todas elas contenham um verbo. Na edição de 1985, o verbo escolhido foi “conservar” e, em 2014 e 2022, “guardar”. Por mais sutil que possa parecer, o verbo “conservar” possui, assim como “guardar”, uma conotação de preservar algo do que está sendo falado, porém, o verbo fornece uma ideia mais afinca de preservar algo que já existe previamente, mesmo que a “verdade” da obra de Woolf ainda não tenha sido enunciada.

A tradução de “If not, you will of course throw the whole of it into the waste-paper basket and forget all about it.” se tornou “Caso contrário, naturalmente jogarão tudo na cesta de papéis e esquecerão o assunto.” na edição de 1985; “Se não, é

lógico, vocês vão jogar tudo isso no lixo e esquecer.” na edição de 2014; e “Se não valer, é claro, vocês irão jogar tudo no lixo e esquecer o assunto”. Na tradução de Vera Ribeiro, a utilização de “cesta de papéis” se aproxima da ideia de “waste-paper basket”, porém, distancia-se de uma tradução cultural para o público brasileiro, já que “lixo”, escolha de Nunes e Mattoso e de Barbara, soa mais razoável para a compreensão do trecho.

TRECHO CINCO

“Nor did I at first understand that the gesticulations of a curious-looking object, in a cut-away coat and evening shirt, were aimed at me. His face expressed horror and indignation. Instinct rather than reason came to my help, he was a Beadle; I was a woman.” (p. 7, 2004)		
Tradução de Vera Ribeiro (p. 10, 1985)	Tradução de Bia Nunes e Glauco Mattoso (p. 15, 2014)	Tradução de Vanessa Barbara (p. 18, 2022)
Nem percebi, a princípio, que os gestos daquela pessoa de aparência curiosa, de fraque e camisa engomada, eram a mim dirigidos. Seu rosto revelava horror e indignação. O instinto, mais que a razão, veio em meu auxílio: ele era um Bedel; eu era uma mulher.	Não percebi de pronto que as gesticulações daquele objeto curioso, de fraque e camisa formal, eram dirigidas a mim. O rosto dele expressava horror e indignação. O instinto, em vez da razão, veio me socorrer: ele era um bedel; eu era uma mulher.	A princípio, não entendi que os gestos daquele pitoresco objeto, de fraque e camisa, eram dirigidos a mim. Seu rosto expressava horror e indignação. O instinto, no lugar da razão, veio em meu socorro: ele era um bedel e eu era uma mulher.

Quadro 5 – excerto do texto fonte e de suas traduções

Ao analisarmos o trecho cinco, podemos perceber diferentes estratégias adotadas pelos tradutores em relação às três edições analisadas. No contexto da obra, Virginia está descrevendo um homem que olhava para a personagem de forma espantada, mas não o descreve com características humanas e apenas o intitula como um “curious-looking object”. O fato de não termos comumente a utilização desse recurso da combinação de dois adjetivos em que um deles atribui uma característica

para o próprio, muito comum em inglês, torna a tradução algo desafiador e de passíveis interpretações distintas, diante de muitas possibilidades. Em 1985, Ribeiro traduziu como “pessoa de aparência curiosa”, dando à figura descrita por Woolf um ar de humanidade que não lhe foi atribuído. Na tradução de Nunes e Mattoso, o mesmo fragmento se torna “objeto curioso” e, na tradução de Barbara, “pitoresco objeto”, ambas traduções com um teor mais próximo ao abordado pelo texto de partida e, especialmente na de 2022, uma redução da humanização dessa criatura que encarava a personagem com horror.

Um outro ponto relevante nesse trecho são as traduções de “evening shirt”, que ficaram respectivamente em 1985, 2014 e 2022 como “camisa engomada”, “camisa formal” e “camisa”. A falta de adjetivação da camisa do personagem na tradução de Vanessa Barbara nos releva uma certa adaptação com um viés feminista, já que, no fim das contas, pouco importaria como a camisa do rapaz era – o que importa é a maneira pela qual a personagem estava sendo tratada. Desse modo, a subversão da linguagem a partir de uma noção mais feminista do texto nos parece como uma estratégia adotada nesse contexto, pois o enfoque maior é a mensagem feminista por trás do texto e o seu papel de perpetuar as ideias para cada vez mais pessoas. Até por essa razão, o trecho em si na obra mais recente opta por uma linguagem mais coloquial, já que a função maior é a comunicativa.

No texto seguinte, em “His face expressed horror and indignation.” há a presença do pronome “his”, nos revelando que se trata de uma pessoa que se identifica com o gênero masculino. As traduções ficaram como “seu rosto revelava horror e indignação” na versão de 1985 e “seu rosto expressava horror e indignação” na de 2022; nas duas traduções há a opção tradutória por “seu rosto”, já em 2014, a tradução de Nunes e Mattoso ficou “o rosto dele expressava horror e indignação” e, mesmo que, em um primeiro momento, diferentemente da obra de 1985, não tenha humanizado o personagem e o ter chamado de “objeto”, a utilização do pronome “dele” infere a pessoalização do personagem.

No último segmento do trecho, há escolhas tradutórias distintas para “rather than reason came to my help, he was a Beadle; I was a woman”. Na tradução de Ribeiro, “mais que a razão, veio em meu auxílio: ele era um Bedel; eu era uma mulher”, o trecho “mais que a razão” se difere de forma sutil de “em vez da razão” (2014) e “lugar da razão” (2022) e sugere que o instinto não substitui a razão completamente, mas tem mais peso ou importância em comparação a ela, diferentemente das outras

duas traduções. Outro ponto de destaque é a tradução de “Beadle” que, em 1985, manteve a letra maiúscula de Woolf em “Bedel” e nas duas traduções de Nunes e Mattoso e Barbara ficou como “bedel”, o que nos sugere um certo teor de tradução feminista, no sentido de se preocupar com a noção de que a capitalização da primeira letra da palavra, para além de humanizar e dar uma certa importância ao indivíduo, pode gerar uma relevância, nesse contexto, desnecessária à figura da pessoa. Além disso, a opção de Barbara “em meu socorro” para “came to my help” sugere um teor mais forte dentre as outras traduções acerca da situação vivenciada pela personagem, o que nos sugere, novamente, um cuidado perante escolhas tradutórias que amplifiquem o teor feminista da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho aspirou vislumbrar a maneira pela qual a tradução feminista aplicada à obra *A Room of One's Own* de Virginia Woolf pode revelar como as escolhas tradutórias refletem e moldam as questões de gênero e cultura ao longo do tempo. A partir de uma metodologia baseada em uma análise comparativa de traduções e na exploração de conceitos atrelados aos campos de tradução cultural, literária e feminista, buscamos investigar as transformações discursivas e culturais oriundas do processo tradutório em três momentos: 1985, 2014 e 2022.

As escolhas tradutórias foram examinadas com foco no teor feminista presente da obra de Woolf. O uso de análise textual comparativa, juntamente com o embasamento teórico sobre tradução feminista, tradução cultural e tradução literária possibilitou uma compreensão da influência do contexto social e cultural nas decisões de tradução, assegurando um resultado coerente com os objetivos estabelecidos.

Para atingir uma compreensão do impacto das escolhas tradutórias nas questões de gênero e no cunho feminista de *A Room of One's Own*, definiu-se um objetivo: o de analisar como essas escolhas refletem as discussões feministas nas três traduções examinadas. Verificamos que, ao longo das três versões, há variações importantes nas escolhas feitas pelos tradutores, especialmente no que diz respeito à maneira pela qual as questões de identidade de gênero e representação feminina são apresentadas. Nesse ínterim, buscamos compreender como o contexto sociocultural de cada período impactou essas decisões e, assim, observamos que cada tradução está imersa em seu respectivo momento histórico, já que reverbera preocupações e debates feministas contemporâneos à sua época.

Assim, a hipótese do trabalho de que as escolhas tradutórias nas diferentes versões de *A Room of One's Own* poderiam refletir o desenvolvimento das teorias e conquistas feministas foi confirmada, uma vez que se nota um movimento mais explícito quanto ao tratamento do gênero nas duas traduções mais recentes a de 2014 e a de 2022. Esse resultado se deve às variações significativas nas escolhas tradutórias observadas, que se alinham com as transformações das discussões sobre gênero ao longo das décadas, visto que a análise demonstrou que, enquanto a tradução mais antiga mantém uma abordagem mais conservadora, as mais recentes expressam uma preocupação crescente com uma linguagem mais inclusiva e a representação de gênero.

Além disso, é notório que as traduções de Vera Ribeiro (1985), Bia Nunes e Glauco Mattoso (2014) e Vanessa Barbara (2022) possuem semelhanças e diferenças acerca do seu ofício tradutório. As obras de 2014 e 2022 se aproximam recorrentemente em momentos em que as escolhas tradutórias passam pelo uso de palavras com uma conotação mais ou menos voltada para amplificar o discurso feminista da obra.

Casos como os citados nos trechos quatro e cinco, por exemplo, demonstram a maneira pela qual os tradutores escolheram palavras em que o teor tradutório perpassava uma noção do tradutor de agir como um mediador dos textos de partida e de chegada, considerando um interesse geral e amplificador das palavras de Woolf para além do próprio escopo de sua escrita: falar sobre a importância de a mulher ter um espaço próprio de maneira universal, figurativo ou não. Nesse mesmo sentido, a obra de 1985 se volta para o texto de partida como um mentor capaz de guiar o leitor para as palavras de Virginia sem se preocupar tanto com o teor mais ou menos feminista, algo previsível diante do contexto em que a obra foi traduzida. Ademais, o fato de que a tradução de Barbara nos fornece uma linguagem mais informal comparada às outras duas, perpassa também as noções atuais do ato tradutório e maior conscientização política e social do papel da mulher e da tradução feminista com o intuito de gerar uma tradução mais acessível.

Sendo assim, o problema de pesquisa, que buscava investigar como as diferentes traduções de *A Room of One's Own* refletiam a representação de gênero, foi respondido. As análises comparativas das três traduções demonstraram que as escolhas tradutórias estão conectadas às discussões culturais e sociais sobre o papel da mulher do momento em que foi produzido as traduções, evidenciando que o ato tradutório também é um ato político e cultural, moldado pelos contextos em que cada versão foi produzida.

Em relação aos instrumentos de coleta de dados, eles foram eficazes na análise das traduções de *A Room of One's Own*, especialmente no que tange à identificação de como as questões de gênero e a perspectiva feminista foram tratadas.

Em pesquisas futuras, seria fortuito analisar mais páginas de *A Room of One's Own* sobre a perspectiva dos Estudos Feministas da Tradução e do impacto das escolhas tradutórias. Além disso, seria interessante expandir o estudo para os elementos paratextuais das obras, já que cada uma dessas traduções analisadas

possui suas especificidades com um teor mais ou menos voltado à amplificação do feminismo.

REFERÊNCIAS

ARROJO, R. Fidelity and the gendered translation. **Traduction, Terminologie, Redaction**, v. 7, n. 2, p. 147–163, 1994.

BELL, Q. **Virginia Woolf**: a biography. Londres: Hogarth Press, 1972.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/584916#:~:text=Alterar%20o%20art.,no%20rol%20dos%20crimes%20hediondos>. Acesso em 21 de outubro de 2024.

BRISSET, Annie. **A tradução**: modelo de hibridização das culturas? Tradução de Maria das Graças Livino de Carvalho. Interfaces Brasil/Canadá, Rio Grande, n. 6, p. 175-197, 2006.

BRUM, E. **As palavras de Woolf**. El País, 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/17/opinion/1418839391_046362.html. Acesso em: 15 jul. 2024.

BOTTMANN, D. (2008). **Traduzindo Mrs. Dalloway**. Traduzindo Mrs. Dalloway: Blog. Disponível em: <http://traduzindomrsdalloway.blogspot.com/>. Acesso em: 08 ago. 2024.

CHAMBERLAIN, L. Gender and the metaphors of translation. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, Chicago, v. 13, n. 3, p. 454-472, 1988.

COLAÇO, Thais Luzia; DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter. **Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina**: o direito e o pensamento decolonial. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2021.

DUARTE, C. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, N. (Org.) **Gêneros e Ciências Humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

FLOTOW, L. V. **Translation and gender**: translating in the 'era of feminism'. Manchester, UK: St. Jerome Publishing; University of Ottawa Press, 1997.

FLOTOW, L. V. **Tradução feminista**: contextos, práticas e teorias. Tradução de Ofir Bergemann de Aguiar e Lilian Virginia Porto. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 41, n. 2, 2021.

GILBERT, S.; GUBAR, S. **The madwoman in the attic**: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination. New Haven: Yale University Press, 1979.

GIRTON COLLEGE. A pioneering history. Girton College, [s.d.]. Disponível em: <https://www.girton.cam.ac.uk/pioneering-history>. Acesso em: 23 ago. 2024.

GODARD, B. Translating and sexual difference. **Resources for Feminist Research**, Toronto, v. 13, n. 3 , p. 13-16, 1984.

GOMES, A. AS MULHERES BRITÂNICAS, A GRANDE GUERRA E A CONQUISTA DO SUFRÁGIO: UMA LUTA ENTRE OS ANOS DE 1867 E 1928. **O Cosmopolítico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2018.

LEFEVERE, André. **Translation, rewriting, and the manipulation of the literary fame**. London: Routledge, 1992.

LEITE, M. **Orlandos**: um olhar feminista sobre as traduções do romance de Virginia Woolf no Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MATTOS, N. **Estudos Feministas da Tradução no Brasil**: Percursos históricos, teóricos e metodológicos na produção científica nacional (1990-2020). 2022. Tese (Doutorado em Pós-Graduação em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

NEWNHAM COLLEGE. Newnham College, University of Cambridge. *Newnham College*, [s.d.]. Disponível em: <https://newn.cam.ac.uk/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

PICCOLI, L. Um teto todo seu: o livro INCENDIÁRIO de Virginia Woolf. **YouTube**, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UdgnQxBGVqg>. Acesso em: 15 jul. 2024.

WOOLF, V. **A Room of One's Own**. Londres: Penguin, 2004.

WOOLF, V. **Jacob's Room**. Londres: Hogarth Press, 1922.

WOOLF, V. **Mrs Dalloway**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2005.

WOOLF, V. **Night and Day**, Londres: Penguin Modern Classics, 1976.

WOOLF, V. **Os diários de Virginia Woolf** – Uma seleção 1897 a 1941. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

WOOLF, V. **Orlando**, Nova Iorque: Penguin Books, 1946.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução de Vanessa Barbara. São Paulo: Antofágica, 2022.

WOOLF, V. **The Voyage Out**. Oxford: Oxford University Press, 2001.